

Não preencher

Título do resumo alargado: Alguns contributos para a caracterização da baixa fecundidade em Portugal

MACIEL, ANDRÉIA¹; MENDES, FILOMENA²; INFANTE, PAULO³

¹Universidade de Évora/ CIDEHUS/ FCT - deiabarroso@hotmail.com

²Universidade de Évora/ CIDEHUS – mmendes@uevora.pt

³Universidade de Évora/CIMA- pinfante@uevora.pt

Sumário (no máximo 500 caracteres)

Face ao acentuado declínio da fecundidade em Portugal, com este trabalho pretende-se perceber as diferenças existentes entre o número de filhos desejados aos 20 anos e os filhos efetivamente tidos. Utilizando os dados do Eurobarómetro 2006, recorreremos, em particular, à regressão logística para identificar e quantificar o efeito de covariáveis significativas, concluindo que o sexo feminino, o trabalhar a tempo inteiro, o estar separado, o ser mais jovem e o ter o primeiro filho muito tarde são fatores potenciadores de ter menos filhos que os que pretendiam ter aos 20 anos.

Palavras-chave: dimensão familiar ideal, fecundidade, filhos, regressão logística, testes não-paramétricos.

1. Contextualização

A persistência da fecundidade abaixo do limiar mínimo necessário à renovação das gerações em Portugal, ao longo das últimas três décadas, tem suscitado uma grande preocupação em termos demográficos e socioeconómicos. Segundo Frejka e Sobotka (2008), em 2005 não havia um único país europeu com um ISF (Índice Sintético de Fecundidade que representa o número médio de filhos que cada mulher deixa na população ao longo de todo o seu período fértil, se se mantiverem as mesmas taxas de fecundidade por idades observadas no período em análise) igual ou superior ao nível de substituição das gerações. Contudo, enquanto alguns países já apresentam sinais de recuperação, outros, como Portugal, persistem em apresentar um ISF inferior a 1.5 filhos, o que torna ainda mais gravoso o processo de envelhecimento populacional.

O adiamento da fecundidade – que tem sido referido como uma das causas centrais quer do declínio do ISF por período, quer da sua subsistência em níveis consideravelmente reduzidos - gerou uma expectativa de que com o seu término e aquando da remoção de seus efeitos, os nascimentos até então adiados seriam posteriormente recuperados, e que as distorções demográficas representadas pela diminuição das taxas de fecundidade seriam meramente transitórias. Todavia, este raciocínio otimista tem sido confrontado com a incerteza de que os atuais níveis de fecundidade possam representar também a redução do número de filhos

desejados – número este reavaliado e ajustado para baixo ao longo do ciclo de vida. Assim, a questão essencial é perceber se os nascimentos estão sendo somente adiados ou se estão sendo parcialmente renunciados (Billari e Kohler, 2003). De acordo com Goldstein *et al.* (2003) é difícil conceber que a baixa fecundidade possa perdurar indeterminadamente sem se fazer acompanhar de alterações nas dimensões ideais da família. De forma similar, Lutz *et al.* (2006) mencionam a hipótese de que coortes sociabilizadas em regimes de baixa fecundidade desenvolvam preferências por famílias de menores dimensões.

2. A Amostra

Neste trabalho foram utilizados dados do Eurobarómetro 2006, em que para Portugal foram inquiridos 1011 indivíduos de ambos os sexos. Contudo, como a nossa principal variável de interesse era o “número de filhos desejados aos 20 anos de idade”, todos os casos onde a questão que contempla a variável de interesse não foi aplicada ou em que a resposta foi “não sei”, “desejei mas não sabia quantos” ou “não me preocupava com isso”, tiveram de ser desconsiderados, uma vez que não nos permitia compará-la com o número de filhos efetivamente tidos. Desta forma, a amostra restringiu-se a 586 respondentes, dois quais 207 pertencem ao sexo masculino e 379 ao sexo feminino. Relativamente à idade, 51 respondentes tinham 30 anos ou menos, 184 entre 31 e 49 anos e 351 tinham 50 anos ou mais.

3. Alguns Resultados

Começamos por comparar o número médio de filhos efetivamente tidos com o número de filhos pretendidos aos 20 anos para 3 classes etárias: até aos 30 anos, entre os 41 e os 49 anos e mais de 50 anos (fora da idade fértil). Tratando-se de respostas a um questionário estamos em presença de amostras emparelhadas. Contudo, atendendo à elevada simetria da variável diferença entre o número de filhos tidos e desejados, há um grande afastamento à distribuição normal e consequentemente não podemos usar o teste t para amostras emparelhadas. Aplicando o teste de Wilcoxon concluímos que, nas idades até 30 anos, o número de filhos tidos é significativamente menor que o número de filhos desejados quando tinha 20 anos (*valor p* < 0,001), enquanto nas idades entre os 31 e 49 anos, o número de filhos efetivamente tidos é significativamente maior (*valor p* = 0,001). Já para idades a partir dos 50 anos, não há evidência estatística que existam diferenças significativas entre o número de filhos que desejaram ter aos 20 anos e o número de filhos que realmente tiveram (*valor p* = 0,421).

Realizámos em seguida a comparação entre as duas variáveis referidas para as 3 classes etárias, mas separando por sexo. Por aplicação novamente do teste de Wilcoxon, concluímos que apenas há divergência na classe de idades entre os 31 e os 49 anos, caso em que os homens desejaram mais filhos do que efetivamente tiveram (*valor p* = 0,016) e em sentido contrário as mulheres tiveram mais do que desejaram (*valor p* = 0,011).

Para encontrar o perfil do indivíduo que teve menos filhos que os desejados aos 20 anos, ajustou-se um modelo de regressão logística, cuja variável resposta foi definida como: 0 – teve o mesmo número de filhos ou mais do que desejava; 1 – teve menos filho do que desejava. Foi feita uma avaliação dos pressupostos subjacentes ao modelo, uma análise de resíduos com verificação de outliers e de observações influentes. Constatou-se o bom ajuste do modelo aos dados através do teste de Hosmer e Lemeshow ($\chi^2_8 = 7,24$; valor $p = 0,51$), podendo também concluir-se que o modelo final tem uma boa capacidade discriminativa (AUC = 0,70; IC95% =]0,65; 0,75]) com uma sensibilidade de 65% e uma especificidade de 69% para um ponto de corte igual a 0,304. Posteriormente, e porque a amostra é relativamente pequena (n=485 respostas completas para todas as variáveis) para deixarmos de fora alguns indivíduos para validação posterior do modelo, optámos por realizar uma validação cruzada por *bootstrap*, onde foram ajustados modelos a 10 amostras aleatórias constituídas por 90% dos indivíduos da amostra original, registando-se os valores estimados por cada modelo para os 10% de indivíduos que ficaram de fora em cada modelo. Obteve-se um valor AUC igual a 0,68, que traduz a consistência do modelo. Além disso, o valor máximo da estatística de Hosmer e Lemeshow foi igual a 10,79, que tem associado um valor p igual a 0,21. Admitindo fixas as restantes covariáveis do modelo podemos retirar as seguintes conclusões:

- Uma pessoa do sexo feminino tem quase o dobro da possibilidade de ter tido menos filhos que os desejados aos 20 anos (IC_{95%} OR =]1,16; 3,06]);
- Alguém com trabalho a tempo inteiro tem mais $\frac{3}{4}$ de possibilidades de ter tido menos filhos que os desejados aos 20 anos (IC_{90%} OR =]1,07; 2,77]);
- Um indivíduo separado (incluindo aqui os divorciados e os que tenham vivido com um parceiro) tem quase duas vezes mais possibilidades de ter tido um número de filhos menor que o desejado aos 20 anos quando comparado com uma pessoa com outro estado civil (IC_{90%} OR =]1,06; 3,18]);
- Uma pessoa com menos dois anos que outra tem 5% mais possibilidade de ter tido um número de filhos menor que o desejado aos 20 anos (IC_{95%} OR =]1,01; 1,09]), se a diferença for de 5 anos as possibilidades aumentam para 13% (IC_{95%} OR =]1,03; 1,23]) e se for de 10 anos para 27% (IC_{95%} OR =]1,06; 1,51]);
- A um aumento de um ano no adiamento do primeiro filho corresponde um aumento de cerca de 8% na possibilidade de ter menos filhos que os desejados aos 20 anos (IC_{95%} OR =]1,04; 1,13]).

Consequentemente, podemos concluir que são fatores potenciadores de ter menos filhos que os desejados aos 20 anos, o ser do sexo feminino, o trabalhar a tempo inteiro, o estar separado, ser mais jovem e ter o primeiro filho mais tardiamente.

Tabela 1 – Coeficientes, desvios-padrão e valores p do modelo logístico ajustado.

Variável	Coeficiente	Desvios padrão	Valor p
Sexo ^a	0,634	0,248	0,011
Tempo ^b	0,546	0,288	0,058
Estado Civil ^c	0,609	0,333	0,067
Idade	-0,024	0,009	0,009
Idade do primeiro filho	0,081	0,023	0,001
Constante	-2,349	0,827	0,005

^a O sexo masculino foi a categoria de referência.

^b Considerou-se quem não está a trabalhar a tempo inteiro como categoria de referência.

^c O modelo final faz distinção apenas entre duas categorias: os separados, divorciados e que já viveram com outra pessoa numa categoria e os restantes estados juntos numa outra categoria que considerámos como a de referência.

O próximo passo deste estudo será obter um modelo de regressão logística, mas considerando a variável intenção de vir a ter filhos como variável resposta. Esta variável foi neste trabalho por nós estudada, mas apenas com a variável classe etária controlada para o sexo. Neste caso, o teste de Mantel-Haenszel revela que há associação significativa entre a classe etária e a intenção de ter filhos, condicional ao sexo (valor $p < 0,001$). Nas mulheres as diferenças são significativas, havendo associação com a classe etária, enquanto entre os homens o mesmo não se verifica.

4. Considerações Finais

Este estudo configura-se apenas como uma abordagem inicial, no caminho que falta percorrer para caracterizar os indivíduos que ainda planeiam ter filhos de modo a que tal possa, eventualmente, auxiliar a definição de políticas públicas que permitam um aumento da fecundidade. Acreditamos que uma política de incentivo à natalidade direcionada a esta população possa ter uma maior probabilidade de surtir efeitos positivos, do que políticas direcionadas à população como um todo.

5. Referências

- FREJKA, T., & SOBOTKA, T. (2008). Overview Chapter 1: Fertility in Europe: Diverse, delayed and below replacement. *Demographic Research*, 19(1), 15-46.
- GOLDSTEIN, J., WOLFGANG L. & TESTA, M. R. (2003). “The emergence of sub-replacement family size ideals in Europe”. *Popul Res Policy Rev.* 22 (5-6): 479-496.
- LUTZ, W., SKIRBEKK, V. & TESTA, M. R., (2006). “The low fertility trap hypothesis. Forces that may lead to further postponement and fewer births in Europe.” *Vienna Yearbook of Population Research* pp. 167-192.
- VITALI, A., BILLARI, F., PRSKAWETZ, A. AND TESTA, M. R. (2009). “Preference Theory and Low Fertility: A Comparative Perspective”. *Eur J Population*, 25:413-438.